
Discurso, jornalismo e mídia: análise do G1 e da Carta Capital sobre a guerra entre Ucrânia e Rússia¹

Giovanna Possas Graçano COSTA²

Vanessa Hartmann ALVES³

Kalliandra Quevedo CONRAD⁴

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

O presente trabalho busca utilizar a Análise do Discurso para mapear os sentidos produzidos pelo discurso jornalístico de dois veículos nacionais, G1 e Carta Capital, acerca do conflito entre Rússia e Ucrânia. Leva-se em consideração a importância da do jornalismo na construção de sentidos sobre temas de interesse global. Com a abordagem teórico-metodológica da Análise do Discurso e da contextualização histórica do conflito, foram analisadas duas matérias jornalísticas dos veículos supracitados, ambos em formato *online*. Como principais resultados, destacam-se os efeitos de neutralidade, credibilidade e, em menor escala, a dramatização como estratégias discursivas na construção de sentidos sobre a guerra.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; Discurso Jornalístico; Guerra.

1. INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho tem como tema o discurso jornalístico e a produção de sentidos sobre o marco de 1 (um) ano da guerra entre Ucrânia e Rússia. Esse tema torna-se relevante visto que os conflitos políticos são inerentemente pautados pelos discursos e pelas ideologias que os atravessam. Desse modo, a cobertura jornalística também se torna responsável por fazer a ligação entre as instituições governamentais e a sociedade civil, a partir das noções democráticas em que o país está inserido e da linha editorial do veículo a qual representa.

A partir disso, buscam-se analisar duas matérias jornalísticas de veículos brasileiros, G1 e Carta Capital, ambos em formato *online*. A matéria do G1 se intitula *1 ano de guerra na Ucrânia: entenda as diferentes fases da invasão russa*⁵ e foi escrita

¹ Trabalho apresentado na IJ06 - Interfaces Comunicacionais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Comunicação Organizacional da UTFPR, e-mail: giovannapossas@alunos.utfpr.edu.br.

³ Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Comunicação Organizacional da UTFPR, e-mail: vanessaalves.1998@alunos.utfpr.edu.br.

⁴ Orientadora do trabalho. Docente do Curso de Comunicação Organizacional da UTFPR, e-mail: kconrad@professores.utfpr.edu.br.

⁵ Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2023/02/24/1-ano-de-guerra-na-ucrania-entenda-as-diferentes-fases-da-invasao-russa.ghtml> Acesso em 10 de abr 2023.

pelo jornalista Sávio Ladeira em fevereiro de 2023. Já a da Carta Capital, possui o título de *O balanço terrível de um ano de guerra na Ucrânia*⁶ e foi produzida pela agência de notícias Agência de Notícias Francesa (AFP⁷) no dia 14 de fevereiro do mesmo ano. Ambos os textos se encontram na categoria “Mundo” dos respectivos portais de notícia.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que os veículos possuem posicionamento editorial que se divergem, sendo eles constituídos por linhas editoriais diferentes e assim mesmo as duas reportagens abordando a mesma temática, essas são construídas com linguagens, discursos e sequências de escrita jornalísticas diferentes.

As reportagens, possuem em seu desenvolver segmentos editoriais distintos, ou seja, a reportagem publicada pelo G1, divide todo o seu texto em tópicos dos quais apresentam as fases da guerra até completar seu primeiro ano e assim, informa sobre os acontecimentos em cada uma das etapas, além disso ela traz no mesmo cunho informativo, como o Brasil se posiciona e o que se pode esperar desse conflito futuramente. Carta Capital, por sua vez, apresenta em um texto direto, o balanço geral da guerra, informando números, dados, relatos, dentre outras características que vão atualizar sobre o conflito, por meio de uma linguagem apelativa e humanizada.

Sendo assim, diante os objetos de análise e também da fundamentação teórica – metodológica de análise do discurso, em específico a análise do discurso jornalístico será possível no decorrer deste trabalho, entender e especificar sobre pontos em comum das duas reportagens a partir dos estudos propostos pelo autor Maingueneau (2004) em seu livro “Análise de Textos de Comunicação”.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica compreende dois eixos principais, a saber: a historicidade do conflito e o discurso jornalístico. Primeiramente, quanto à historicidade, nos filiamos à perspectiva de Gregolin (2007, p.16), ao dizer que:

Na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento. É ela, em grande medida, que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente.

⁶Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/mundo/o-balanco-terrivel-de-um-ano-de-guerra-na-ucrania/> Acesso em 10 abr 2023.

⁷ Em francês, Agence France-Presse.

A guerra entre Ucrânia e Rússia é mais um conflito que envolve a região e, principalmente, as duas nações, que um dia formaram a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS. Entre outros fatores, pode-se dizer que a relação entre os países é de tensão desde o desmonte da URSS e ocorre por razões identitárias, econômicas, territoriais e de soberania (Mielniczuk, 2006). E o jornalismo tem um papel importante por nos permitir acessar, por meio do seu discurso, informações sobre a guerra. Mais que informação, o jornalismo é uma forma de produção de conhecimentos (Meditsch, 2010); o que nos leva à noção de que o jornalismo atua como construtor da realidade social (Alsina, 1989; Traquina, 2004). Desse modo, parte-se do entrelaçamento entre AD e jornalismo, cuja contribuição está em pensar

[...] o discurso jornalístico como formador de redes interdiscursivas, por meio de retomadas, réplicas, atualizações e deslocamentos de outros tantos já-ditos, de dizeres oriundos de campos diversos. O discurso abriga sempre uma série de outros discursos, é atravessado e constituído por eles, mesmo que estes se submetam a regras que não eram próprias de sua origem. Por meio de um dispositivo que une Jornalismo e AD, trabalha-se na ótica de que o discurso é espaço para o confronto e a sobreposição de vozes, (Schwaab; Zamin, 2014, p. 53).

3. METODOLOGIA

As escolhas metodológicas se deram em quatro etapas. A primeira, em relação à importância do tema que, mesmo ocorrendo no leste europeu, interfere na conjuntura mundial. A segunda etapa foi a escolha dos veículos de comunicação brasileiros que pautaram o conflito. Devido ao crescente consumo de notícias em meios digitais (Agência IBGE, 2022) foram selecionados o G1 e a Carta Capital, por apresentarem posicionamentos editoriais contrastantes. O G1 se posiciona, institucionalmente, a partir da ideia de que no jornalismo só “tem valor a informação jornalística que seja isenta, correta e prestada com rapidez, os seus três atributos de qualidade” E, também, como aquele que não é “a favor nem contra governos, igrejas, clubes, grupos econômicos, partidos”⁸; enquanto a Carta Capital, tem como missão “Despertar o pensamento crítico por meio de um jornalismo honesto em defesa da diversidade de ideias e de um país mais desenvolvido, justo e democrático”⁹.

⁸ Disponível em <https://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html> Acesso em 14 jul. 2023.

⁹ Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/principios/> Acesso em 14 jul. 2023.

Na terceira etapa foi realizada a coleta dessas matérias, feita a partir de pesquisa no site de buscas Google.com, com as palavras-chave “conflito”; “guerra”; “1 ano”. Foram selecionadas duas matérias com os seguintes critérios: a) que abordassem a guerra, tematizando o primeiro ano do conflito; e b) que fossem veículos com posicionamentos editoriais distintos.

Por fim, a quarta e última etapa se dá pelo mapeamento e análise, com a abordagem teórico-metodológica da Análise de Discurso (Maingueneau, 2004). A análise de Discurso

[...] como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: como o estudo do discurso observa-se o homem falando (Orlandi, 2012, p.15).

A análise do discurso é fundamental para o desenvolvimento deste trabalho e a partir dos estudos baseados nos livros, principalmente “Análise de Textos de Comunicação”, de Maingueneau (2004) será possível desenvolver o que é proposto para análise, o discurso fundamentando em duas reportagens com a mesma temática, de portais de comunicação que possuem posicionamento editorial diferentes.

Sendo assim, unificando as quatro etapas, cada uma com suas especificações, se faz possível desenvolver o seguinte trabalho, com objetivos bem definidos e uma ampla gama de conhecimento teórico – metodológico capaz de justificar os pontos que aqui serão apresentados e auxiliar para o entendimento final do que aqui foi proposto.

4. ANÁLISE DISCURSIVA DAS MATÉRIAS

A partir dos tópicos apresentados pelas matérias, a análise é pautada, principalmente, pelas categorias analíticas de discurso direto e indireto; e o emprego das pessoas (Maingueneau, 2004). Essas categorias nos permitem observar os modos pelos quais o discurso jornalístico se aproxima ou se distancia dos “fatos” para enunciar a guerra, bem como que estratégias discursivas são empregadas para produzir conhecimento sobre o balanço de um ano do conflito. Por isso, são considerados elementos linguísticos e textuais, bem como o contexto histórico do conflito, a fim de

identificar essas estratégias. Nesse sentido, a seguir, analisam-se os seguintes elementos: títulos, subtítulos e uso da linguagem.

4.1. Títulos

O primeiro título a ser analisado é o produzido pela Carta Capital em que se lê: “O balanço terrível de um ano de guerra na Ucrânia”, assim através dele é possível observar a utilização do termo “terrível”, o qual transmite durante o decorrer de toda a matéria o sentido discursivo de uma linguagem mais humanizada e sensível acerca dos momentos do conflito. Já o título da segunda matéria é “1 ano de guerra na Ucrânia: entenda as diferentes fases da invasão russa”, ao se realizar a análise é possível destacar dois pontos. O primeiro pelo fato da composição da frase ser de forma direta, padrão linguística do jornalismo em geral, e com um propósito, o do entendimento das fases do conflito que são escolhidas e detalhadas pelo G1. Além disso, o termo “invasão russa” demonstra de forma explícita a passividade ucraniana e atividade por parte da Rússia, sendo assim apresenta um discurso produzido com um foco de objetividade e imparcialidade, fundamentos do jornalismo no Brasil e uma linguagem de abordagem mais fria. Ambos os títulos apagam uma das pessoas importantes envolvidas nesse contexto, o sujeito “Rússia”, a partir daí, é possível identificar que, ao fazer a relação a apenas um dos sujeitos principais, evidencia-se o foco do que será descrito durante a matéria, demonstrando de forma simples um posicionamento editorial dos veículos.

4.2. Subtítulos

As duas notícias trazem as informações e destaques do conflito a partir de uma separação em tópicos criando uma linha narrativa própria do texto, é possível analisar a escolha de como esses tópicos são nomeados e a ordem em que aparecem. A Carta Capital optou por organizar a matéria em grupos de informações específicas com nomenclaturas que vão de encontro com a adjetivação e utilização de termos mais chocantes encontrados no título (“Baixas militares”, “Civis mortos”, “Crimes de guerra”, “1.500 km de linha de frente”, “Uma economia em colapso”, “Refugiados”, “Ajuda militar ocidental”), em que se detalhou os dados que possuíam sobre cada fato.

A matéria do G1, por sua vez, é mais extensa evidenciando não só as fases da guerra (“1ª fase – início da invasão russa”, “2ª fase – impasse no leste”, “3ª fase – contraofensiva da Ucrânia”, “4ª fase – ataque a usinas”), como também o que se pode

imaginar para o futuro e outros pontos escolhidos para destaque (“Próxima fase? – possível ofensiva da Ucrânia”, “Ajuda financeira – como a Ucrânia vai pagar por isso?”, “Refugiados – uma Ucrânia vazia e destruída”, “Quando a guerra vai acabar – e como ela começou lá em 2014”), os enunciados são mais diretos na primeira parte da matéria e em seguida acompanham interrogações para o leitor.

Apesar do G1 apresentar os mesmo dados utilizados pela matéria produzida pela Carta Capital, esses são trabalhados de forma simplória e sem destaque, com um foco maior em pontuar as ações do conflito de forma direta. Assim, os discursos da linguagem e sentido construídos pelas matérias, se dão também pela ordem de cada um desses tópicos. De acordo com Maingueneau (2004)

A priori nunca há uma interpretação possível para um enunciado e é preciso explicar quais os procedimentos do destinatário para chegar à mais provável, que será aquela que se deve preferir em tal ou qual contexto. (Maingueneau, 2004, p. 29).

Portanto, é possível identificar a presença da abordagem dos mesmos temas ao longo das matérias, diversas vezes utilizando as mesmas fontes (ONU), porém de modos diferentes, gerando sentidos diferentes por conta do contexto de cada matéria. O G1 busca manter a neutralidade jornalística ao utilizar termos descritivos para as fases da guerra e em seguida traz enunciados com questionamentos que aproximam o leitor do texto e o produz o efeito de construção conjunta do pensamento sobre as questões levantadas. Já a Carta Capital busca o efeito de sensibilidade, a partir da utilização de adjetivos e termos menos neutros para caracterizar o conflito.

O subtítulo “Refugiados” é o único que se repete com o mesmo título nas duas matérias e utilizam da mesma fonte para as informações, a ONU, porém se observa a utilização dos dados de forma diferente entre os dois veículos. O fragmento da Carta Capital é curto e segue a linha de balanço sobre o conflito, portanto identifica os números absolutos de refugiados de forma clara, além de identificar parte da população que seguiu para a Rússia. Já o G1, não cita os refugiados que seguiram para a Rússia, esse detalhe é importante de se atentar pelo contexto do conflito, que envolve razões territoriais e de pertencimento. A abordagem escolhida pelo texto do G1 é a de evidenciar o papel ativo da Rússia na guerra, portanto a informação de que parte da população optou pelo refúgio no território russo pode causar o efeito de ambiguidade de

sentidos em relação ao que se entende pelo lado certo ou errado de uma guerra pelo leitor.

É importante destacar a presença de uma citação direta na matéria do G1, que apresenta a fala de um alto comissário da Agência da ONU para refugiados, que esteve presente na Ucrânia em locais bombardeados, “a escolha do discurso direto como modo de discurso relatado geralmente está ligada ao gênero de discurso em questão ou às estratégias de cada texto” (Maingueneau, 2004, p. 142) portanto é possível identificar a tentativa de produção de efeito de autenticidade, objetividade e autoridade por meio da citação do agente da ONU.

4.3. Linguagem

É possível, a partir da linguagem, identificar o efeito de neutralidade de posicionamento em ambas as matérias, já que o Brasil ainda não possui posicionamento oficial acerca do conflito, mas demonstra tentativas de intervenção pela paz, de acordo com o vice-chanceler russo, Serguei Ryabkov. Mas ainda assim, é possível observar pelo tipo de linguagem estabelecida e pela a estratégia do texto que os veículos, G1 e Carta Capital, demonstram seus posicionamentos editoriais de forma sucinta e breve. Ambos os portais utilizam tanto o discurso direto, para se referir a dados e notas divulgadas pelos canais oficiais, como o discurso indireto, em que se fundamentam nos meios de comunicação locais e em relatos dos que ali vivem.

Na matéria desenvolvida pela Carta Capital é possível observar uma linguagem com efeito apelativo, na construção de um discurso humanitário, pautado em palavras fortes e adjetivos que caracterizam a guerra, buscando a sensibilidade do leitor através do que é relatado. Além disso, nessa matéria o discurso indireto é utilizado com frequência para descrever as cenas que são vivenciadas no país ucraniano durante o conflito armado, ou seja, o autor não traz citações diretas para os relatos e evidencia a ideia a partir dos levantamentos das fontes que ele possui.

A guerra na Ucrânia ficará na memória coletiva pelas imagens duras: corpos de civis com as mãos amarradas às costas nas ruas de Bucha após a retirada russa, um bicho de pelúcia repleto de sangue na estação de Kramatorsk, uma maternidade bombardeada em Mariupol, entre outras (Carta Capital, 2023).

Nesse sentido, o autor da matéria desenvolvida na Carta Capital, descreve as imagens e os relatos por meio do discurso indireto, como proposto por Maingueneau, em seu livro “Análise de Textos de Comunicação”, o autor nesse tipo de discurso pode adotar diferentes maneiras para escrever sobre as falas, mantendo independente de todas elas a mesma linha de pensamento.

Com o discurso indireto, o enunciador citante tem uma infinidade de maneiras para traduzir as falas citadas, pois não são as palavras exatas que são relatadas, mas sim o conteúdo do pensamento (Maingueneau, 2004, p. 149).

Durante a leitura da matéria escrita pelo G1, é possível identificar uma estratégia de linguagem informativa, na qual são apresentadas elementos considerados importantes: contexto histórico, dados percentuais e expressões específicas como “Invasão russa”, os quais produzem um sentido discursivo a partir de um posicionamento editorial do próprio veículo, que de forma discreta expõe sua opinião com relação aos lados da guerra. Ademais, nessa mesma perspectiva a matéria constrói durante todo seu texto o discurso direto e indireto. O primeiro, quando cita a fala de um representante oficial da Organização das Nações Unidas (ONU), Fillipo Grandi, ou seja, são traduzidas a fala do Alto Comissário para Refugiados, mesmo essa podendo ser expressa como encenação da fala, “O DD é apenas a encenação de uma fala atribuída a uma outra fonte de enunciação, e não é à cópia de uma fala ‘real’”. (Maingueneau, 2004, p. 143).

Durante todo o restante da matéria, nos tópicos que abordam as fases da guerra, ou nas quais são apresentados dados concretos e numéricos, o G1 faz uso de uma linguagem discursiva indireta, com apresentação de fonte, mas não utiliza aspas para abordá-la e como ainda também propõe o autor Maingueneau em seu livro, o discurso indireto se diferencia também do direto pelo verbo que introduz a oração, o qual condiciona o sentido a ser produzido.

A semelhança do discurso direto, a escolha do verbo introdutor é bastante significativa, pois condiciona a interpretação, dando um certo direcionamento ao discurso citado (Maingueneau, 2004, p. 150).

O autor também pontua em seu livro que a “imprensa popular em geral prefere o discurso direto ao indireto” (Maingueneau, p. 150), isso devido à relação mais imediata e realista com o que é vivido. Mesmo que em ambas as matérias seja predominante o discurso indireto, já que são referentes a um conflito em que os dois portais possuem um posicionamento editorial neutro, trazer em seus textos discursos diretos poderia evocar o sentido de apoio a um ou outro lado da guerra. Os veículos apresentam de forma sucinta e pequena os discursos diretos que trazem o sentido de credibilidade e certeza do que está sendo dito em toda a matéria.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da conceituação teórica da Análise de Discurso e compreensão dos contextos presentes para a formação de sentidos, é possível analisar as duas matérias tendo em vista, também, o cenário jornalístico em que os veículos, Carta Capital e G1, estão inseridos. Ao longo da análise busca-se destacar os elementos que permitem a criação de sentidos e quais seriam esses, por se tratar de uma comparação entre dois veículos os parâmetros sobre as escolhas de palavras e dados presentes nas matérias são definidos pelo próprio objeto da análise, além da compreensão geral dos contextos.

Assim, foi possível concluir que, por mais que os veículos apresentem estratégias discursivas semelhantes, eles produzem múltiplos sentidos que se diferem entre as matérias. Entre as principais estratégias discursivas estão a construção de efeitos de neutralidade, credibilidade e, em menor escala, a dramatização. Esperamos, portanto, a partir dessas reflexões, evidenciar a importância de discutir e pensar na relação entre linguagem, mídia e discurso, especialmente em temas sensíveis e globais, como a guerra entre Ucrânia e Rússia.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA IBGE. **Internet já é acessível em 90,0% dos domicílios do país em 2021**. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34954-internet-ja-e-acessivel-em-90-0-dos-domicilios-do-pais-em-2021> Acesso em 10 jul. 2023.

AFP. O balanço terrível de um ano de guerra na Ucrânia. **Carta Capital**. 14 de fevereiro de 2023. Mundo. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/o-balanco-terrivel-de-um-ano-de-guerra-na-ucrania/>. Acesso em: 10 de abr. 2023

ALSINA, M.. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós Comunicación, 1989.

GREGOLIN, Maria do Rosário.. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo**, v. 4, p. 11-25, 2007. Disponível em <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/105/106> Acesso em 10 jul. 2023.

LADEIRA, Sílvio. **1 ano de guerra na Ucrânia**: entenda as diferentes fases da invasão russa. **G1**. 24 de fevereiro de 2023. Mundo. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2023/02/24/1-ano-de-guerra-na-ucrania-entenda-as-diferentes-fases-da-invasao-russa.ghtml>. Acesso em: 10 abr. 2023.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos em comunicação**. São Paulo, 3º ed, p. 125-154, 2004.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, Marcia.FONSECA, Virginia (orgs). **Jornalismo e Acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular/Capes, 2010, produzido no Projeto Procad Tecer: Jornalismo e Acontecimento. 19-42.

MIELNICZUK, Fabiano. Identidade como fonte de conflito: Ucrânia e Rússia no pós-URSS. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, vol. 28, no 1, janeiro/junho 2006, p. 223-258. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-85292006000100004>. Acesso em: 10 de jul. 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. São Paulo: 10a ed., 2012.

SCHWAAB, Reges; ZAMIN, Angela. O discurso jornalístico e a noção-conceito de interdiscurso. **Vozes e diálogo**, v. 13, n. 01, 2014. Disponível em: https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/5587/1/ARTIGO_DiscursoJornalísticoNoção.pdf. Acesso em: 14 jul. 2023.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** - porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.